

O MEU PRIMEIRO EÇA DE QUEIRÓS

Luísa Ducla Soares

Ilustrações

Fátima Afonso



A vida de Eça de Queirós dava uma novela.

Foi num carro puxado a cavalos que sua mãe, Carolina Augusta Pereira de Eça, aos 19 anos, abandonou a casa onde vivia, em Viana do Castelo, para ter um filho, às escondidas.

As mães solteiras eram então muito mal vistas e ela não estava interessada em aceitar o pedido de casamento do jovem magistrado com quem se envolvera e de quem esperava um bebé.



A carruagem parou na Póvoa do Varzim, diante da casa de parentes onde, a 25 de novembro de 1845, veio a nascer um menino.

«Eu sou apenas um pobre homem da Póvoa de Varzim», diria mais tarde o escritor.



Eça era uma criança não desejada e essa situação magoou-o durante longos anos. No dia 1 de dezembro batizaram-no na igreja de Vila do Conde como filho do Dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queirós e de mãe incógnita e puseram-lhe o nome do pai. Ninguém da família assistiu à cerimónia e, para que tudo se passasse no maior segredo, arranjaram-lhe como padrinho o Senhor dos Aflitos e como madrinha uma modesta costureira de Vila do Conde, que foi a sua ama.

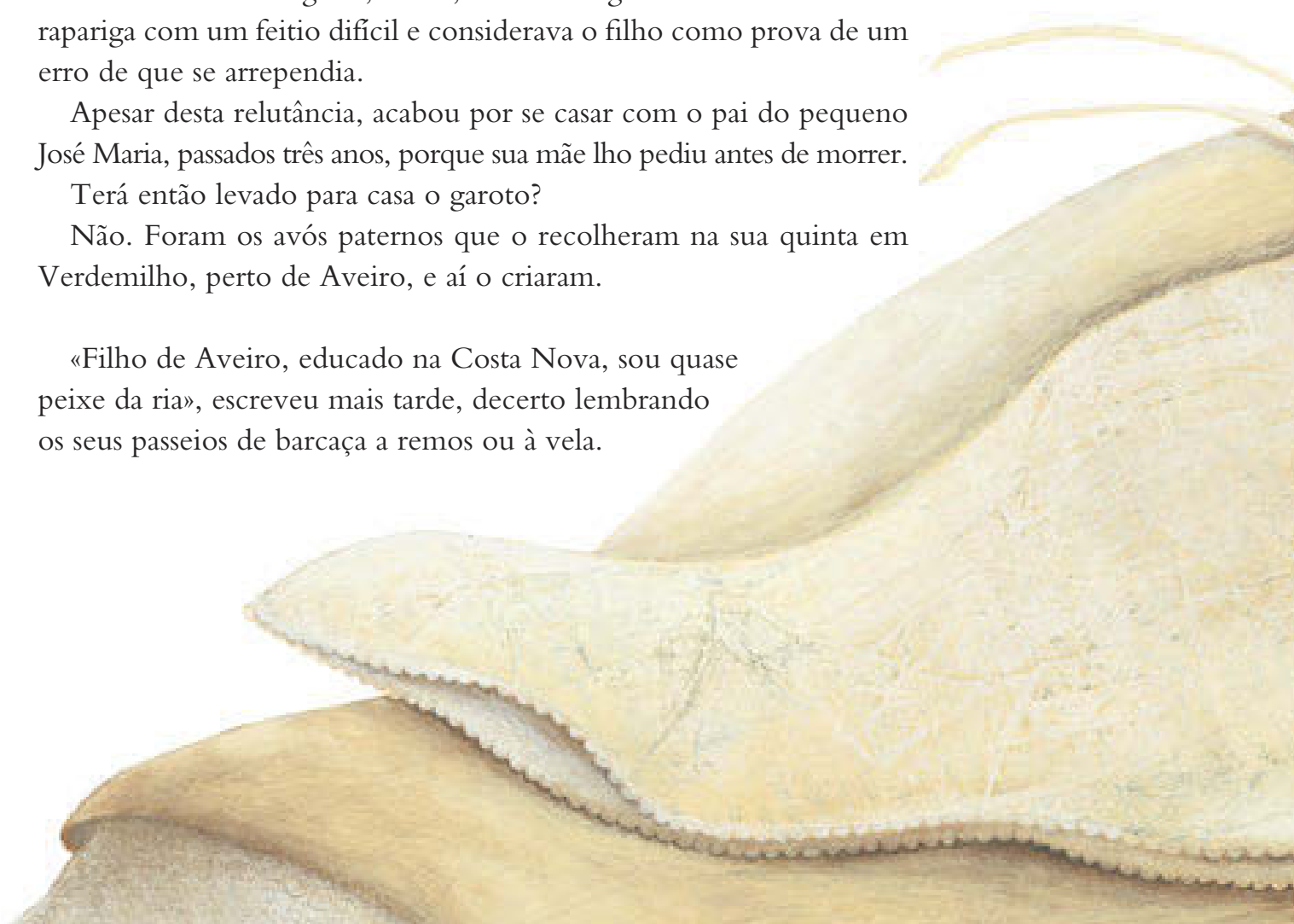
O pai e os avós paternos, no entanto, sempre se interessaram por ele. Mas Carolina Augusta, a mãe, de modo algum o aceitava: era uma rapariga com um feitio difícil e considerava o filho como prova de um erro de que se arrependia.

Apesar desta relutância, acabou por se casar com o pai do pequeno José Maria, passados três anos, porque sua mãe lho pediu antes de morrer.

Terá então levado para casa o garoto?

Não. Foram os avós paternos que o recolheram na sua quinta em Verdemilho, perto de Aveiro, e aí o criaram.

«Filho de Aveiro, educado na Costa Nova, sou quase peixe da ria», escreveu mais tarde, decerto lembrando os seus passeios de barça a remos ou à vela.





O avô, que era um nobre liberal, defendera a causa de D. Pedro IV e por isso fora condenado à morte. Para escapar à sentença, e não ser enforcado, tivera de se exilar em Inglaterra e vários anos vivera no Brasil. De lá trouxera um fiel criado, grande companheiro de brincadeiras do neto. Era aquele que lhe contava as histórias que o encantavam e para sempre ficaram na sua memória.

«A minha mais remota recordação é de escutar, nos joelhos de um escudeiro negro, grande leitor de literatura de cordel, as histórias que ele contava de Carlos Magno e dos Doze Pares.»

É bem provável que o avô lhe narrasse também as suas próprias aventuras. Mas infelizmente em breve morreu.

Foi a avó Teodora, mulher simples e analfabeta, quem ficou com a guarda do rapazinho e muito o amou. Inclusivamente, deixou-lhe em testamento uma quantia razoável, para pagar mais tarde os estudos.

Eça de Queirós considerou este período um dos mais felizes da sua vida. Estava em contacto com a natureza e com os animais, de que tanto gostava. Era acarinhado, sentia-se amado.





Como seria a sua escola, podem vocês perguntar.

Ora em Verdemilho não havia escola, era um padre que vinha a casa dar-lhe lições. E não lhe ensinava a ler por uma cartilha ou manual, como hoje, mas por livro cheio de bons exemplos de virtude e heroísmo.

No entanto, a estadia na quinta da família durou apenas até aos dez anos, altura em que esta avó, tão querida, veio a morrer.

Pensam que foi então que os pais o levaram para casa, para o Porto, onde moravam, e o criaram junto com os irmãos que, entretanto, tinham nascido?

Pois enganam-se.

Foi viver para casa de uns tios nas férias e, durante o tempo de aulas, ficou como aluno interno no Colégio da Lapa. Querem comparar os vossos horários com os dele?

LEVANTAR verão 5h30m; inverno 6h30m

ORAÇÃO NA CAPELA meia hora depois, seguida de estudo

ALMOÇO 7h45m

AULAS 8h-11h

ESTUDO 11h-12h

JANTAR 12h

RECREIO até às 13h

ESTUDO 13h-15h

AULAS 15h-18h

MERENDA 18h15m

RECREIO até às 19h15m

ESTUDO 19h15m-21h

TERÇO NA CAPELA 21h

CEIA após o terço

RECOLHER 22 h





Eça fala-nos do «corretor da Lapa», palmatória com que os alunos eram castigados e que constituía o terror da sua geração.

Mas foi nesse colégio, com más instalações e disciplina férrea, que veio a conhecer alguns dos amigos que guardou para toda a vida. O jovem Ramalho Ortigão, filho do diretor, era aí professor de francês e cedo descobriu no jovem aluno qualidades excepcionais. Fez amizade com vários colegas, entre eles os irmãos Resende, com cuja irmã acabaria por casar, muitos anos mais tarde.

A quem lhe pedia que contasse episódios dos seus anos de infância e juventude, respondia: «Dados para a minha biografia, não lhos sei dar. Eu não tenho história [...]» De facto, sempre evitou que andassem a remexer num passado que não pretendia revelar.



Em 1861, com 16 anos incompletos, fez exame de admissão à Faculdade de Direito, em Coimbra.

No primeiro ano ficou a viver em casa de um professor e, fora das aulas, passava o tempo a ler. Mais tarde foi para uma República de Estudantes e então começou a conviver intimamente com vários colegas que vieram a ser notáveis intelectuais: Guerra Junqueiro, Antero de Quental, João Penha, Teófilo Braga, entre outros. Havia em Coimbra muitos estudantes que faziam parte de associações, algumas secretas, como «O Raio», que se reunia por trás dum cemitério, e cujo principal objetivo era derrubar o reitor. Mas Eça de Queirós, apesar de amigo de alguns desses estudantes, não era propriamente um revolucionário.

Já nessa altura revelava interesse pelas diversas formas de arte, entre as quais o teatro. Tal como seu pai, entrou com êxito em várias peças.

